

## TEMÁTICA LIVRE

Perdão, memória e nostalgia em Heimat,  
de Nora Krug<sup>1</sup>

Forgiveness, memory and nostalgia in  
Heimat, by Nora Krug

Edição v. 42  
número 3 / 2023

Contracampo e-ISSN 2238-2577  
Niterói (RJ), 42(3)  
set/2023-dez/2023

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

### BARBARA HELLER

Universidade Paulista (UNIP) – São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: b.heller.sp@gmail.com. ORCID: 0000-0002-8997-0155.

### LUCIA SANTA-CRUZ

Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM Rio) – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: lucia.santacruz@espm.br. ORCID: 0000-0003-1007-2473.

### PRISCILA FERREIRA PERAZZO

Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) – São Caetano do Sul, São Paulo, Brasil. E-mail: prisperazzo2@gmail.com. ORCID: 0000-0001-9073-075X.

### ROSANA HENRIQUE FABER

Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) – São Caetano do Sul, São Paulo, Brasil. E-mail: farol@uol.com.br. ORCID: 0000-0002-9364-8206.

### TERESA CRISTINA NEVES

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. E-mail: teneves@terra.com.br. ORCID: 0000-0002-1714-8189.

1 A primeira versão deste texto foi apresentada no 30º Encontro da Compós, em 2021, com o título "Materialidades das memórias: em busca da Heimat". O texto atualmente enviado para a revista Contracampo foi substancialmente alterado em relação ao publicado nos anais da Compós, tratando das questões que envolvem perdão e reparação.

### AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

HELLER, Barbara; SANTA-CRUZ, Lucia; PERAZZO, Priscila Ferreira; FABER, Rosana Henrique; NEVES, Teresa Cristina. Perdão, memória e nostalgia em Heimat, de Nora Krug. **Contracampo**, Niterói, v. 42, n. 3. set./dez. 2023.

Enviado em: 16/06/2023. Revisor A: 13/10/2023; Revisor B: 08/10/2023. Revisor A: 24/10/2023; Revisor B: 30/10/2023. Aceite em: 30/10/2023.

DOI – <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v42i3.58837>

## Resumo

Heimat (1999), novela gráfica de Nora Krug, é o relato pessoal sobre sua família e a ascensão do nazismo na Alemanha. O objetivo de nossa reflexão consiste em analisar, em um produto midiático, como as memórias construídas no processo de escrita desse livro acionam uma nostalgia propositiva e provocam uma memória-ação, possibilitando reconciliação e perdão. A metodologia consiste em pesquisa documental, com análise interpretativa. A estrutura teórica se baseia em conceitos de autores de estudos de memória (Ricoeur, Pollak, Íñiguez-Rueda), nostalgia (Keithley, Pickering, Kalinina), filosofia e psicanálise (Heidegger e Freud). Concluímos que, ao recuperar seu passado por meio do exercício nostálgico propositivo, Nora Krug consegue perdoar e tolerar seus familiares, reconciliar seu passado e imaginar novos futuros.

### Palavras-chaves

Perdão; Memória; Nostalgia; Reconciliação; Identidade.

## Abstract

Heimat (1999), a graphic novel by Nora Krug, is a personal account of her family and the rise of nazism in Germany. The objective of our reflection is to analyze, within a media product, how the memories constructed in the process of writing this book evoke a proactive nostalgia and trigger a memory-action, enabling reconciliation and forgiveness. The methodology consists of documentary research with interpretative analysis. The theoretical framework is based on concepts from authors in memory studies (Ricoeur, Pollak, Íñiguez-Rueda), nostalgia (Keithley, Pickering, Kalinina), philosophy, and psychoanalysis (Heidegger and Freud). We conclude that by reclaiming her past through proactive nostalgic exercise, Nora Krug is able to forgive and tolerate her family members, reconcile her past, and envision new futures.

### Keywords

Forgiveness; Memory; Nostalgia; Reconciliation; Identity.

## Introdução

“... agora eu sabia de uma coisa que antes eu não sabia: que a *HEIMAT* só pode ser encontrada em nossas memórias, que ela é algo que só começa a existir quando você a perde” (Nora Krug, ao terminar o livro *Heimat*).

*Heimat* (2019), da alemã Nora Krug, é mais que um livro de memórias. É a busca de perdão e de reconciliação das novas gerações com um passado traumático e silenciado sobre a cooperação de familiares com o nazismo.

Lançado em 2018 na Alemanha, o livro recebeu versões em diversas línguas, como a inglesa, a espanhola, a portuguesa, além de ser publicada em países como China, Noruega, Coreia, entre outros. *Heimat* também é vencedor de diversos prêmios, como o *National Book Critics Circle Award in Autobiography* (2018), o *Schubart-Literaturpreis* e o *Evangelischer Buchpreis*, ambos em 2019. No Brasil, foi lançado em 2019, pelo selo Quadrinhos na Cia,<sup>2</sup> da editora Companhia das Letras, e é sobre esta edição que nos debruçamos para análise. A autora, por sua vez, é professora associada da *Parsons School of Design*, nos Estados Unidos. Não é apenas pelo grafismo que o livro mereceu prêmios e destaques: seu trabalho é primoroso pela garimpagem de um passado cercado de sofrimento, de luto e de questionamentos sobre perdão.

Nora Krug é ilustradora, escritora e professora e viveu muitos dos seus mais de 40 anos viajando pelo mundo. A cada vez que chegava em novos lugares, especialmente quando adolescente, e se apresentava como alemã, sentia-se desconfortável. Entendeu que tal sensação devia-se ao Holocausto, cujas dimensões ultrapassavam o que aprendera na educação formal. Experimentava, nessas ocasiões, sentimento de culpa, decorrente do fato de se reconhecer herdeira de um passado nada glorioso. A mera lembrança dos ruídos dos aviões sobrevoando sua casa no pós-Guerra ativava seu sentimento de vergonha quando, já adulta, se deparava com sobreviventes. Para se curar desse mal-estar, mergulhou em seu passado para produzir seu romance gráfico, isto é, seu “álbum de desenhos e colagens repleto de acertos de contas com o passado”.<sup>3</sup>

A autora evocou as memórias de seus familiares alemães por meio de conversas informais e de seus objetos. Suspeitava que sua família – na qual prevalecia um constrangedor silêncio sobre a II Guerra Mundial – tivesse aderido à ideologia nazifascista e, por isso, evitado o assunto durante as décadas seguintes. Seu pai, uma das testemunhas oculares desse passado misterioso, assim se justificava quando era convocado a evocar suas memórias: “Eu não tinha ligação física com a guerra. Os únicos membros da família que haviam sido diretamente afetados por ela foram meu pai e meu irmão, eu nunca cheguei a conhecer nenhum dos dois” (KRUG, 2019, sem paginação).

Quando se estabeleceu nos Estados Unidos e se casou com um homem de origem judaica, Nora Krug começou a se sentir cada vez mais alemã entre não alemães. Tivesse permanecido na Alemanha, talvez não experimentasse essa sensação, dado que estaria entre iguais. O conflito instalou-se porque tampouco reconhecia a Alemanha como sua pátria, ideia que, para ela, conectava-se à familiaridade, às memórias de infância, ao local que define a identidade do indivíduo desde muito cedo. A fim de tentar esclarecer as dúvidas que a atormentavam sobre a participação de sua família como colaboracionista do ideário nazifascista na II Guerra Mundial, decidiu voltar à Alemanha, em 2014, não como ex-residente, mas como pesquisadora, para, *in loco*, investigar a história de seus antepassados nos anos 1940.

*Heimat*, o livro, consolida sua busca por um passado relativamente recente com o qual teria não apenas de se reconciliar, mas perdoar. O resultado é um conjunto surpreendente de ilustrações, cores,

---

2 Sobre prêmios e edições do livro, o leitor pode obter mais detalhes na página de Nora Krug sobre o livro: <https://nora-krug.com/belonging-heimat>. Acesso em: 4 dez. 2023.

3 Chris Ware escreve na contracapa do livro, na publicação brasileira.

colagens, fotografias e abstrações. O conjunto iconográfico facilita a compreensão dos fatos, da pesquisa e, sobretudo, dos achados. Por vezes, a imagem surge cravada no papel antes do texto e, graças a essa inconstância entre verbal e não verbal, o leitor dificilmente desvia sua atenção. A análise de todos esses elementos citados extrapola os elementos literários, uma vez que seus sentidos, como demonstraremos adiante, estão diretamente vinculados à materialidade do objeto livro e aos estudos da memória. Entender a relação entre o suporte midiático e as ideias que veicula é parte constituinte dos estudos comunicacionais, aos quais o corpus desse artigo – a narrativa de Nora Krug – e os teóricos acionados se filiam. Trata-se, portanto, de escolhas epistemológicas que sustentam a aderência do objeto ao da memória social, implicado nos estudos da comunicação.

É latente na obra o desejo de a autora estabelecer reciprocidade com seus leitores e que a acompanhem em sua investigação sobre sua família e seu passado. Toma-nos pelas mãos e, delicadamente, enquanto caminhamos com ela pelas trilhas de sua narrativa, aprendemos que aderir ao nazismo é tão intolerável quanto ser apenas seu simpatizante.

Narrativa de reconciliação, reconhecemos em *Heimat* o anseio de relatar trajetórias e alcances da história de famílias alemãs no período do nazismo, mas com renovada radicalidade. Encontrar respostas positivas à violência enfrentada no passado permite processos de paz baseados na participação social e na revitalização das próprias culturas (GASPARELLO, 2016). Memórias também se constroem na ação, por meio de práticas muitas vezes subterrâneas e defensivas que operam em duas vias: como discurso e recuperação de relatos e como prática social voltada para a resignificação das experiências do passado.

Os olhos de Nora Krug miram principalmente duas pessoas de sua família: o avô materno, Willi, e o tio paterno, Franz-Karl. O primeiro, tendo perdido seus pais muito jovem, trabalhou em uma oficina e, mais tarde, como motorista particular para um comerciante judeu. Foi desse modo que conseguiu adquirir um automóvel e, na sequência, abrir sua autoescola e sustentar sua família, mesmo no início da II Guerra Mundial. No entanto, essa nova atividade o habilitara a servir no *front* como instrutor de direção para os soldados de Hitler. Aquilo que poderia ter sido sua salvação acabou por se tornar um fardo. O segundo pertenceu à Juventude Hitlerista, foi soldado da SS e morreu em combate, na Itália, aos 18 anos. Franz-Karl, cujo nome será compartilhado pelo pai de Nora Krug, nascido após a morte do irmão, cresceu durante o período de ascensão do regime nazista e teria sido fortemente influenciado pela máquina de propaganda do partido nacional-socialista, como mostra seu caderno de exercícios escolares aos 12 anos. Percebe-se, assim, que a autora buscou argumentos que justificassem a adesão de seus parentes ao nazismo e problematizassem a ambiguidade de suas decisões naqueles tempos.

*Heimat*, então, pode ser lido por diversas chaves. Uma delas é a consolidação das informações e a forma como a autora as organiza, a fim de constituir sua identidade nacional. Outra é o conflito entre silenciamento e verdade, uma vez que a família não quis revelar o que a autora já desconfiava e estava em vias de confirmar.

O livro comporta ambas as possibilidades de leitura, uma vez que costura os fatos, esclarece as escolhas da pesquisa e, sobretudo, conduz o leitor a seus resultados, que ecoam da obra como confissões assopradas ao pé de nossos ouvidos. Pode-se conceber *Heimat* como um “trabalho de memória” (RICOEUR, 2007) em pleno curso, vibrando como uma pulsação. São rememorações em fluxo, arredias a enquadramentos e à rigidez dos formatos. O que antes eram suposições se confirma: os antepassados da autora foram, sim, simpatizantes do nazifascismo, ainda que em diferentes graus de envolvimento com o regime e, embora tivessem tentado silenciar a respeito, os rastros desse passado vão se tornando evidentes no decorrer das páginas. Eis, então, que a autora parece dar início ao processo emocional de reconciliação e perdão com seu passado.

Essas reflexões nos motivam a investigar o livro a partir dos estudos da memória e da comunicação, no intuito de indagarmos o papel da rememoração como ação de reconciliação, de perdão do passado e de ação para o futuro e de produção de discursos midiáticos. Como se constroem as verdades, as justças?

Como a subjetividade e a nostalgia colaboram para a apreensão dessa memória? O livro exerce apenas seu papel da veiculação de um relato ou atua como agente de mudança de ideologias preconceituosas, autoritárias e xenófobas? A obra tem o condão de permitir a reconciliação e o perdão das novas gerações que trazem o trauma do nazismo das gerações anteriores vivido por seus antecessores?

A partir dessas perguntas, o objetivo central desta reflexão consiste em analisar como as memórias acionadas no processo de produção desse livro – pela autora-personagem, que busca reelaborar sua identidade alemã a partir da reconciliação com o passado nazista da família – partem de um processo nostálgico que se revela uma nostalgia propositiva e provocam uma memória-ação, ou seja, um processo de interpretação do passado, possibilitando a reconciliação e o perdão entre a memória herdada (POLLAK, 1992) e o presente, além de uma projeção de futuro. Trata-se, portanto, de um artigo com base em levantamento documental, que utiliza a análise interpretativa dos textos.

## Nostalgia propositiva: em busca da *Heimat*

O substantivo *Heimat*, no dicionário, refere-se a “pátria; país natal; terra natal” (IRMEN, 1988, p. 872); porém, para a cultura alemã, é muito mais do que essa explicação denotativa. Trata-se de um termo impregnado de sentidos e sentimentos: “terra, pedaço de terra ou local, onde as pessoas nascem e são criadas ou onde por permanência se sentiram em casa (com frequência como expressão de profunda ligação emocional)” (DUDEN, sem paginação, 2021).

Nora Krug destaca alguns dos sentidos evocados pela palavra que dá título a seu livro. Inicialmente, resalta o significado de *Heimat* extraído da enciclopédia alemã *Brockhaus* e dá ao leitor dois avisos importantes: o primeiro é que, em seu uso comum, a palavra “se refere ao lugar (também entendido como um cenário) em que uma pessoa nasceu, onde vivenciou as primeiras socializações que influenciam enormemente na formação de sua identidade”; o segundo, retirado do mesmo dicionário, salienta que tal termo fora usado pelo nazismo na Alemanha para “associar a um espaço de afastamento, em particular àqueles grupos que estavam procurando se identificar com um modelo simplista para sua orientação psicológica” (KRUG, 2019, sem paginação).

Para Krug (2019) a busca pela sua *Heimat* é angustiante: “Minha *HEIMAT* é um eco, uma palavra esquecida que um dia foi gritada para as montanhas”. Para reavê-la na memória, a autora intui o que precisa fazer: “retornar à minha infância, voltar ao começo, seguir a trilha de migalhas, e torcer para que elas me levassem de volta para casa” (KRUG, 2019, sem paginação).

Em português, *Heimat* é comumente traduzida como pátria, mas sabemos que essa palavra não comporta os significados emocionais que o termo carrega em alemão. Não existe, em língua alguma, tradução equivalente para o vocábulo. No senso comum, *Heimat* reúne tanto a noção de familiaridade quanto a de identidade, associando ambas a um lugar, seja ele real ou imaginário, envolvendo também músicas, objetos, aromas e sabores. Ao promover essa associação, incorpora, ainda, o sentido de paisagem, conceito cunhado inicialmente por Humboldt (1864 apud POLETTE, 1999, p. 86), envolvendo “características totais de uma região da terra” e que vem sendo ampliado para compreender também a relação entre natureza, cultura, tempo e experiência (INGOLD, 1993).

A volta à infância como ponto de partida para encontrar a identidade e a ideia de que sua investigação poderia levar a autora para casa parecem embutir um desejo de retorno à terra natal – o que podemos interpretar como um sentimento nostálgico, tal como formulado em 1688 pelo médico suíço Johannes Hofer (ANSPACH, 1934). Ainda que Hofer tenha visto a nostalgia como uma doença provocada pela ausência da terra natal, dois séculos depois o termo passou a designar um deslocamento temporal e se tornou uma oposição à modernidade (KEITHLEY e PICKERING, 2016). Somente no final do século XX é que a nostalgia foi reabilitada como um fenômeno psicológico e sociológico. E mais recentemente vem sendo considerada como uma força criativa e produtiva (NIEMEYER, 2014). Landwehr (2018) considera a

nostalgia como uma estratégia baseada no tempo, isto é, uma forma de lidar com os tempos ausentes. A ausência do passado se torna uma presença que se revela por meio da rememoração. A memória é o elemento básico do processo nostálgico, mas cabe destacar que a nostalgia não se confunde com a memória. Nostalgia é uma resposta emocional e afetiva, enquanto a memória é uma função cognitiva exercida individual e coletivamente.

Krug lamenta a perda de alguma coisa, de partes suas que ficaram pelo caminho, esfacelando sua identidade. “Como saber quem você é, se você não entende de onde veio?” (KRUG, 2019, sem paginação). Reconhece que só nas memórias de sua infância será capaz de encontrar respostas para suas angústias e que, para isso, terá de percorrer um caminho semelhante ao de um processo terapêutico, incluindo o retorno presencial ao lugar de onde veio. “Quando fecho os olhos, eu consigo lembrar de todos os detalhes do apartamento dos meus avós” (KRUG, 2019, sem paginação). A familiaridade dos objetos lhe dá sentimento de pertencimento que a ajuda a tornar mais nítidos os contornos de sua identidade. Por isso, viaja tantas vezes à Alemanha durante sua investigação. É um deslocamento temporal, mas, acima de tudo, espacial.

Também nessas viagens garimpa objetos – brinquedos de crianças, fotografias, medalhas, condecorações, fragmentos do cotidiano do período nazista – que a ajudam a compor um painel pictográfico, chamado pela autora de “álbum de recortes de uma arquivista de memórias – achados num mercado de pulgas” (KRUG, 2019, sem paginação). São os chamados objetos biográficos, aqueles que “nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade; e os que estiveram sempre conosco e falam à nossa alma em sua língua natal” (BOSI, 2004, p. 4-5). Como contam histórias de vida, fazem retornar traços e vestígios do passado e ampliam a relação entre a história de vida de uma pessoa e as diversas histórias de um grupo social. E, assim, Krug conecta sua história pessoal à história social.<sup>4</sup>

Sedikides et al. (2015) consideram que a nostalgia pode funcionar tanto como um recurso afetivo, permitindo às pessoas lidarem com situações difíceis, quanto como um recurso psicológico adaptativo, como defende Santa-Cruz (2020), uma nostalgia propositiva, uma condição positiva e produtiva que permite construir o presente e mesmo imaginar o futuro. Mesmo se a nostalgia propositiva represente o lamento por um objeto, lugar, pessoa ou tempo perdidos, ela reorienta esta perda para se constituir em potência para elaborar experiências pessoais e históricas.

A nostalgia que Krug experimenta vai nessa direção. Mesmo quando pensa que está em busca de sua *Heimat*, está agindo ativamente para elaborar sua própria identidade a partir das memórias. O curioso, aqui, é que as memórias não são as suas, mas as de seus pais, avós e tios, uma espécie de nostalgia sem memória, como a trata Appadurai (1996). Isso fica explícito quando se refere ao encontro com sua tia Annemarie, de 80 anos, a quem não conhecia: “Se eu não quebrar o silêncio, a memória do meu tio Franz-Karl morrerá com ela. E com sua memória enterrada, como eu entenderei o significado da minha história?” (KRUG, 2019, sem paginação). Tal passagem sugere que sua busca não é só a da própria *Heimat*, mas também a de seus antepassados, como relata ao visitar a cidade natal de seu pai, pisando no chão de modo suave:

Posso sentir a infância infeliz do meu pai subindo pelas solas dos meus pés. Esta é a sua antiga HEIMAT, da qual foi expulso e graças a isso foi capaz de se tornar quem ele é agora. Sinto um pânico repentino – uma saudade do meu pai, como se eu nunca mais fosse vê-lo novamente (KRUG, 2019, sem paginação).

Ao final de sua investigação e de várias viagens à Alemanha, ela conclui:

(...) fico feliz de ter feito todas as perguntas que eu precisava fazer – de ter voltado, recolhendo todas as migalhas de pão, de não ter parado de procurar até ter certeza de que não sobrava mais nenhuma, de que agora eu sabia uma coisa que antes eu não

---

4 O conceito de objetos biográficos será desenvolvido adiante.

sabia: que a HEIMAT só pode ser reencontrada em nossas memórias, que ela é algo que só começa a existir quando você a perde (KRUG, 2019, sem paginação).

Nessa visão, *Heimat* é praticamente sinônimo de nostalgia e está situada no passado, ainda que defina o presente e oriente o futuro. Cabe aqui, porém, esclarecer que, se o processo nostálgico se apoia fortemente na memória, nem todo movimento de memória é nostálgico. A nostalgia, seja ela propositiva ou assuma outras formas, posto que é heteroglossia (BERLINER, 2014), se funda no reconhecimento da perda de algo ou alguém. Já a memória não está, necessariamente, associada a esta sensação de ausência, mas é um trazer ao presente por meio da experiência do vivido.

Todavia, a espacialidade é um aspecto relevante na noção abrangida pelo termo *Heimat*. Estar próxima do lugar, físico ou imaginado, contribui para que a identidade de uma pessoa tenha contornos nítidos, ao passo que, quando se afasta, experimenta-se uma imprecisão na definição de quem se é: “Quanto mais tempo eu moro fora da Alemanha, mais imprecisa se torna a minha ideia sobre a minha identidade. Minha HEIMAT é um eco, uma palavra esquecida que um dia foi gritada para as montanhas” (KRUG, 2019, sem paginação).

A partir da nostalgia propositiva que experimenta, a autora então se lança no processo da memória-ação, na perspectiva de Kalinina (2016), para quem a experiência nostálgica é uma força ativa que motiva as pessoas na direção de uma memória ativa, ou uma memória-ação. Esta transição da nostalgia propositiva para a memória-ação ocorre a partir da arqueologia das próprias lembranças, confrontada com as recordações de sua família e de outras pessoas, além de documentos, e visitas à Alemanha.

A memória um tanto anárquica que emerge da obra traduz certa impossibilidade de conferir sentido uniforme ou categórico às experiências de rememoração da autora, condição que, em certa medida, torna suas experiências também nossas. Ao reconhecer que sua *Heimat* é uma palavra esquecida, a autora abre a perspectiva de outra leitura que se estende além da trajetória individual: o termo experimentou um longo ostracismo desde o pós-Guerra, por ter sido associado aos nazistas que assim denominavam seu Estado Nacional. Só recentemente a palavra retornou ao cenário político, quando o partido populista de direita *Alternativa para a Alemanha* (AfD), criado em 2013, utilizou-a em sua publicidade e, em 2018, o Ministério do Interior do país incorporou o termo ao seu título (KNIGHT, 2018).

## O estranho familiar

O radical *heim*, em língua alemã, do qual deriva *Heimat*, vocábulo escolhido para intitular a obra, guarda uma potente fertilidade rastreável em obras de proeminentes pensadores que se expressaram naquele idioma. *Heim* diz em alemão “familiar”, “doméstico”, “de casa” (IRMEN, 1982, p. 872), e dessa estrutura básica derivam outros substantivos como “*Heimlich*” e “*Unheimlich*”. A ambivalente relação entre esses dois termos é explorada por Sigmund Freud (1995) em seu célebre ensaio *O estranho* (*Das Unheimliche*, no original, também traduzido para o português como *O inquietante*). Se *Heimlich* significa “caseiro”, “familiar”, em *Unheimlich* o prefixo “un” indica o sentido oposto, de não familiaridade. Embora, em princípio, trate de vocábulos antagônicos, o estranho freudiano não se resume ao antônimo de familiar, pois (com)porta seu oposto.

Designativo de assustador, daquilo que causa medo e horror, *Unheimlich* também abrange seu inverso *Heimlich*, que se refere ao que é conhecido. O sentimento de estranheza despertado por certas experiências e situações é aproximado, na interpretação de Freud, à impressão de familiaridade; em sua abordagem, o antagonismo se converte em inerência. O estranho seria, então, uma espécie de desdobramento do familiar acomodado no âmbito do inconsciente como recalque.

Ao desenvolver e problematizar a categoria psicanalítica do estranho em suas correlações com o campo da estética, Freud (1995) desvenda as propriedades do que nos desperta apreensão, justamente

porque nos remete ao conhecido. No domínio da arte, o estranho desafia nosso discernimento, envolve-nos na esfera do enigmático, despertando sensações antes não experimentadas. Pela intenção do artista, somos levados a uma espécie de incerteza, a certo estado de dúvida.

A autora de *Heimat* compartilha em sua obra a experiência de familiaridade com o estranho ou a equivalente sensação de estranhamento com algo familiar, ao reportar gráfica e verbalmente sua busca por um passado mantido como tabu por seus pais e por boa parte dos alemães de uma geração anterior à sua. Seu percurso descreve as complexas dinâmicas próprias do inconsciente quando se trata de desfazer os laços de proibição ao desejo – o recalque oriundo de uma interdição doméstica e geracional – de (re)conhecer os vínculos mais profundos com os horrores do nazismo. É na perspectiva de estrangeira, distante da familiaridade de sua terra natal, que Nora Krug revisita sensações que lhe são estranhamente familiares. Um trecho de sua criação artística serve para ilustrar o modo como ela vivencia – e nos faz perceber – este processo de defrontação com o passado reprimido, a um só tempo estranho e familiar, bem como o profundo mal-estar daí decorrente.

Foi um dos meus primeiros encontros em Nova York. Eu estava no terraço do prédio onde morava um amigo – a única pessoa que eu conhecia na cidade até ali. Eu tinha acabado de me mudar de Berlim para estudar. Eu não conhecia ninguém. Ninguém me conhecia. Tudo era possível. Uma senhorinha sentada numa espreguiçadeira escutou nossa conversa. “De onde você é?”, ela me perguntou. “Eu sou da Alemanha.” “Foi o que pensei.” “Você já foi à Alemanha?”, perguntei. “Sim. Muito, muito tempo atrás.” Ela evitava fazer contato visual. Então eu entendi. Ela me contou como tinha sobrevivido aos campos de concentração porque uma das guardas, que era mulher, a havia resgatado da câmara de gás no último instante, dezesseis vezes. (...) Um calor familiar começou a se formar no fundo do meu estômago. Como você reage, como alemão, perante um ser humano que revela essas memórias para você? Eu permaneci em silêncio. “Mas isso faz muito tempo”, ela disse, por fim. “Certamente as coisas mudaram. Você parece ser uma pessoa que foi criada por pais muito amorosos.” Eu concordei com a cabeça (KRUG, 2019, sem paginação).

O adjetivo *unheimliche* é também empregado por Martin Heidegger, em *Introdução à metafísica*, para traduzir o superlativo grego *deinótaton*, utilizado por Sófocles em sua descrição do ser humano nos versos iniciais do primeiro coro de *Antígona*: “Muitas são as coisas *estranhas*, nada, porém, há de mais *estranho* do que o homem” (HEIDEGGER, 1978, p. 170, grifo nosso). O que distingue em grau mais elevado a estranheza dos seres humanos, segundo a leitura heideggeriana desse trecho da poesia trágica, é seu modo de lançar-se para fora dos limites do familiar em busca do extraordinário, do inusual.

O estranho não nos deixa estar em casa. Nisso reside o vigor que se impõe e subjuga. O homem é o que há de mais estranho, não só porque conduz o seu ser no meio do estranho, mas por afastar-se e sair dos limites, que constituem, em primeiro lugar e às mais das vezes, a sua paisagem caseira e habitual, por transpor como que instaura vigor, as raias do familiar e se aventura justamente na direção do estranho no sentido do vigor que se impõe (HEIDEGGER, 1978, p. 174).

Em *Ser e tempo*, Heidegger (2015) assinala entre os perímetros semânticos de *Heimlich* e *Unheimlich* uma dimensão paradoxal: a familiaridade, apoiada na segurança e no conforto de pertencimentos habituais, não está em conformidade com o lar originário dos seres humanos. Nossos vínculos de familiaridade são frágeis, tecidos artificialmente sobre nossa abismal potencialidade de realizarmos o inaudito e o singular. Assim, o modo de ser próprio do humano está propenso a uma reversão repentina do familiar em não familiar, pois a estranheza estará sempre a ponto de se revelar a nós como nosso lar originário. Nas palavras de Heidegger (2015, 256): “O ser-no-mundo tranquilizado e familiarizado é um modo da estranheza da presença [*Dasein*] e não o contrário. O *não-sentir-se em casa deve ser compreendido existencial e ontologicamente como o fenômeno mais originário*”.

Nossa forma mais originária de habitar é fora dos refúgios (e também dos subterfúgios), longe de



um lar (*Heim*) ou fora de uma pátria (*Heimat*). O estranho (*Unheimlich*) é, a um só tempo, nossa morada mais genuína e nosso modo de ser mais peculiar. Desfamiliarizar o familiar, (re)visitar o que se põe diante de nós como suposta familiaridade é um gesto de resgate desta forma original de existir. Lançar-se na desfamiliarização é o que a autora de *Heimat* empreende em seu exercício de voltar-se para suas origens. Abrir-se à estranheza do que há de mais íntimo para descobrir o que se encontra velado nos laços familiares.

Pode-se compreender, assim, o empreendimento de Nora Krug, que explora no familiar os perigos do desconhecido. Sua intenção é dispor de seu passado ou sua condição presente, tornando-se igualmente disponível a eles. Não quer pura e simplesmente se livrar das sombras e dos abismos. Antes, mostra-se disposta a habitá-las com o vigor de sua capacidade criativa e a reconhecer os limites de suas potencialidades para tornar o estranho familiar, e vice-versa. “Nunca chegamos a conhecer (...)”; “eu não me lembro (...)”, escreve reiteradamente neste exercício de abordar o familiar como desconhecido, (re)conhecendo sempre nesse gesto sua dimensão estranha e indelével. “E é o mais perto que eu vou chegar”, avisa na última página que antecede o epílogo (Krug 2019, sem paginação). Suas palavras e seus traços, suas imagens e suas cores, tudo alimenta a experiência do estranhamento, num fértil jogo com a familiaridade. Os sentidos são esquadrihados em modo narrativo não linear, reticular, transitório, caleidoscópico, deixando-se transparecer suas potencialidades e evitando-se o aprisionamento de (pre) conceitos e (pre)concepções estéreis. Dá ênfase às impressões e sensações, às cogitações e suspeitas, e assim faz aparecer o encoberto.

Muito embora não mencione esses fatos diretamente na obra, Krug vai nos levando pelas construções de sentido das palavras em alemão e termina por tangenciar o aspecto conflituoso que existe nas abordagens sobre o passado e em suas releituras. E escreve: “Aprendemos que *Vergangenheitsbewältigung* significava ‘reconciliar-se com seu passado político’, mas sentíamos que o que a palavra realmente definia era ‘o processo de luta para reconciliar-se’ com ele” (KRUG, 2019, sem paginação).

## Recordar e perdoar

Para Paul Ricoeur (2007, p. 465) é tão difícil conceituar quanto receber e dar perdão. No caso em tela, o Holocausto, por ser uma situação-limite ao longo do qual milhões de pessoas, das mais variadas religiões, etnias, nacionalidades, faixas etárias e ideologias políticas foram assassinadas, direta ou indiretamente, exercer o exercício do perdão é quase impossível.

Nos crimes contemplados pelo Direito comum, os infratores são vistos como seres humanos perante os juízes e, por isso, são “presumidos como inocentes até sua condenação” (RICOEUR, 2007, p. 480). A eles ainda se dá o direito de defesa em tribunais por meio de discursos e relatos de testemunhas, diferentemente dos genocidas. A eles sequer se pode aplicar a condição de prescrição de seus atos, graças à gravidade de seus crimes. Tampouco a passagem do tempo é capaz de apagar os rastros dos que atentaram contra a vida, contra a integridade física ou psíquica, que destruíram total ou parcialmente grupos sociais específicos, que esterilizaram e separaram adultos em estado de procriar, que transferiram seus filhos, escravizaram homens, mulheres e crianças. Perdoá-los significaria “ratificar a impunidade, o que seria uma grande injustiça cometida à custa da lei e, mais ainda, das vítimas (...). Não há castigo apropriado para um crime desproporcional” (RICOEUR, 2007, p. 479).

A perversidade dos atores do Holocausto não só rompeu os artigos primeiro e terceiro da Declaração Internacional dos Direitos Humanos,<sup>5</sup> como também justifica a necessidade de persegui-los, sem limite, no tempo. Ricoeur ainda esclarece que, embora os crimes sejam considerados imprescritíveis, seus autores

---

5 Respectivamente: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade” e “Todo indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal”. Declaração Universal dos Direitos Humanos. 1948. Tradução oficial da United Nations High Commissioner for Human Rights, disponível em: <https://bit.ly/3P9WuTV>.

precisam ser castigados e responsabilizados por seus gestos individuais. Embora muitos algozes tenham tentado fazê-los reverberar em membros do corpo político para obter perdão,<sup>6</sup> em tentativa “inversa de autoacusação”, (Ricoeur, 2007, p. 482), esses indivíduos precisam ser responsabilizados um a um.

É nesse momento que a memória coletiva é acionada, pois no lugar do “amor” para com o inimigo, prevalece o ódio:

a coletividade não tem consciência moral; assim confrontados com a culpabilidade ‘de fora’, os povos recaem no repisamento dos velhos ódios, das antigas humilhações. O pensamento político esbarra aqui num fenômeno maior, a saber, a irredutibilidade da relação amigo-inimigo (...) (RICOEUR, 2007, p. 483).

A ideia de que os alemães foram os principais responsáveis pelos crimes do Holocausto, reforçada pelas narrativas dos sobreviventes e pelas investigações no pós-Guerra do que se sucedera nos campos de concentração e de extermínio, principalmente nos da Europa, consolidou-se como verdade. Ainda que saibamos que nenhum grupo social é homogêneo e generalizações levam ao preconceito, o *outro* é sempre visto com desconfiança, especialmente em contextos marcados por conflitos da envergadura como o da II Guerra Mundial. Acrescente-se a isso o esforço de memória das gerações imediatamente seguintes àquela que sofreu a II Guerra nos anos 1940. Tal como Nora Krug, muitos outros descendentes, alemães ou não, estão atormentados, seja por desconfiarem dos significados da omissão de conhecidos, desconhecidos, parentes próximos ou distantes nesses episódios, seja por terem descoberto suas participações efetivas naquela década.

Nora Krug, em *Heimat*, não comparece a nenhum julgamento político de criminosos nazistas; não pede que seus familiares demonstrem qualquer forma de arrependimento; o que a mobiliza, tanto quanto sua imersão em busca de sua identidade, é a capacidade de perdoar familiares que jamais admitiriam ter cometido crimes de lesa-humanidade ou colaborado de alguma maneira com o regime nazista.

Na tentativa de tornar o não familiar (*unheimlich*) em familiar, ao final do livro, quando narra ter localizado o veredito do promotor público alemão, de 5 de fevereiro de 1947, segundo o qual seu avô Willi, filiado ao Partido Nazista dez anos antes, fora rebaixado da categoria de “infrator” para a de “seguidor”, comunga o mesmo sentimento dele:

O veredito final vem como um alívio para mim.

Eu tento imaginar o alívio que Willi deve ter sentido.

Também fico pensando como deve ter sido viver sabendo que você já foi um dia classificado como um SEGUIDOR – uma pessoa sem coragem nem estatura moral, um animal que segue o bando (KRUG, 2019, sem paginação).

Elegemos essa passagem como uma das mais representativas do exercício do perdão da autora por meio da memória, pois é quando sua tia Karin defende a adesão de seu pai (o mesmo avô Willi, da autora) ao Partido Nazista, sob o argumento de ele precisar sustentar uma família. Embora Nora Krug soubesse que “foram os judeus e os que ‘não eram confiáveis politicamente’ que perderam seus empregos, não os 85% que não se filiaram ao partido” (KRUG, 2019, sem paginação), encerra esse capítulo com o enunciado para o qual não há resposta possível: “Eu não a culpo. Todo mundo só tem um pai” (KRUG, 2019, sem paginação).

Embora sua tia não tenha pedido perdão nem para si, tampouco para seu pai, Nora Krug o

---

6 O criminoso nazista Adolf Eichmann, em sua defesa no julgamento em Jerusalém, em 1961, alegou ter tido somente obedecido a ordens superiores. Ele, sozinho, foi responsável pela deportação de centenas de milhares de judeus para campos de concentração durante a II Guerra Mundial.

concede, sem pedir nada em troca. Diferentemente do que ocorrera nos tribunais de Nuremberg, em que se buscava punir exemplarmente os culpados como parte de processos de justiça reparativa para a humanidade, a autora busca apenas compreender para, assim, se reconciliar com seu passado e firmar sua identidade alemã.

## Memória herdada e reconciliação

“Absolvição não pode ser solicitada. Só pode ser dada.” Com essa frase, Nora Krug responde à pergunta do jornalista sobre como se carrega uma culpa coletiva por uma tragédia promovida por gerações anteriores à sua.<sup>7</sup> Dizendo-se frequentemente confrontada com estereótipos negativos relacionados à identidade cultural alemã, a autora lida com a ansiedade pela busca da história que permeia sua família, procurando constituir uma narrativa de resistência ao sofrimento causado pelo silêncio sobre as experiências de seus familiares. Uma das questões que se abrem é: como livrar-se da culpa pelo que não se é responsável? Trata-se, portanto, de uma memória herdada, “vívica por tabela”, conforme lembra Pollak:

Quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p. 204).

Se o passado sempre se apresenta como conflito, o percurso feito pela autora pelas veredas das memórias e dos vestígios de seus antepassados nos enreda, em diversas passagens, por esta disputa. Vivenciando sentimentos conflitantes de vergonha de ser alemã, de conviver com uma culpa coletiva herdada pelos horrores do nazismo e, até mesmo, tendo dificuldade em se relacionar com os símbolos nacionais da Alemanha, Krug (2019, sem paginação) finaliza o capítulo 2, *Canções Esquecidas*, com a seguinte determinação:

Não importava o quanto eu me esforçava na minha busca; um sentimento incômodo de desconforto simplesmente não ia embora. Talvez a única maneira de encontrar a HEIMAT que eu havia perdido fosse olhando para trás; abandonar aquela vergonha abstrata e fazer as perguntas que eram realmente difíceis de se fazer – sobre a minha própria cidade, sobre as famílias da minha mãe e do meu pai. Fazer o caminho de volta até as cidades de onde cada um deles havia saído. Retornar à minha infância, voltar ao começo, seguir a trilha de migalhas, e torcer para que elas me levassem de volta para casa (KRUG, 2019, sem paginação).

Cabe destacar que, nesse momento do livro, a autora ainda não havia iniciado sua busca mais ativa pelas memórias da família. Até então, transitava em recordações mais gerais do povo alemão, como parte do processo de enfrentamento do seu desconforto. A partir do momento em que decide fazer as perguntas sobre sua cidade e sobre as famílias de sua mãe e de seu pai, inicia um processo de escavação que, em grande parte, se nutre da perspectiva nostálgica para se expressar como memória-discurso e memória-ação.

Essa culpa é tamanha que Krug (2019) conta com quem lê seu texto para dividi-la a partir de suas descobertas. A impressão é a de que ela sussurra para o leitor cada nova confirmação de suas (antes) suposições sobre familiares simpatizantes do nazismo e, para suportar a dor das verdades reveladas, busca

---

7 Entrevista da escritora Nora Krug a Ticiano Osório, do editorial GHZ Livros, da Gaúcha Zero Hora, disponível em: <http://bit.ly/30LPPVq>. Acesso em: 6 fev. 2021.

ininterruptamente justificativas e argumentos de seus parentes vivos. Somente com essa ação conseguirá se relacionar de outro modo com esse passado familiar, essa “memória herdada”, e engendrar um novo futuro. Algumas passagens do livro deixam clara essa movimentação da autora, especialmente quando registra determinados enunciados, pronunciados pelos mais diversos atores com quem dialoga, como, por exemplo, a mãe e a tia, que continuamente “depõem a favor” de Willi, seu avô.

- Tenho certeza de que ele não era criminoso.
- Ele disse que nunca tinha segurado uma arma em suas mãos.
- Ele não participara da Resistência porque tinham uma filha pequena...
- Ele dizia para minha mãe que sempre votou nos social-democratas. (KRUG, 2019, sem paginação)

Ao longo de toda a narrativa, as perguntas de Nora Krug confirmam seu desejo de conseguir se reconciliar com esse passado ainda encoberto e, assim, não se sentir mais refém dele: “Será que Willi participou do cortejo? Ou será que foi ao funeral?” (KRUG, 2019, sem paginação).<sup>8</sup> A esperança do eventual engano nas prévias suposições transforma-se em ilusão, à medida que as descobertas das pesquisas da autora vão constituindo provas de que a proximidade do seu avô materno com o nazismo pode, enfim, ter sido real.

Em suas teses sobre história, Walter Benjamin assinala que o passado não é algo acabado e distante, pois só adquire sentido quando dele nos aproximamos, percebendo-o a partir do presente. São as conexões entre ambas as temporalidades que dão vida a experiências pregressas. Portanto, segundo o pensador alemão, não é o passado que origina o presente, mas justo o contrário.

A verdadeira imagem do passado passa voando. O passado só se deixa capturar como imagem que relampeja irreversivelmente no momento de sua conhecibilidade. (...). Pois é uma imagem irrecuperável do passado que ameaça desaparecer com cada presente que não se sinta visado por ela. Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘tal como de fato foi’. Significa apropriar-se de uma recordação, como ela relampeja no momento de um perigo (BENJAMIN, 2012, p. 243).

O que Nora Krug reúne sobre o cotidiano daqueles que viveram os tempos atrozados do antes, durante e depois da II Guerra aproxima o leitor do que lá se sucedeu. Fez parte de sua metodologia refazer os percursos trilhados pelos personagens, para procurar pensar como eles e se imaginar acompanhando-os nas situações mais corriqueiras, como tomar um café, caminhar na praça, destilar *schnaps* no porão e segregare judeus nos bondes. É assim que vai sendo tecida a história familiar da autora.

A pesquisadora Maria Lucília Svampa (2016, p. 4), em artigo sobre o uso político das memórias, sobretudo àquelas remanescentes das ditaduras, considera-as fundamentais para uma reconciliação com o passado, pois “o esquecimento é de praxe associado ao silêncio e à impunidade”. Svampa (2016, p. 4) pode nos ajudar, ainda, a explicar a origem dos anseios de Nora Krug para fazer a revisão e se reconciliar com seu passado, pois o “esquecer aparece quando a memória falha”, gerando uma incapacidade “de

---

8 O cortejo ao qual a autora se refere ocorreu em Karlsruhe, cidade alemã, em maio de 1933, quando membros do Partido Social-Democrata Alemão que se opunham ao regime nazista foram escoltados da prisão ao quartel da polícia e de lá para um campo de concentração, situado nas proximidades. A população presente, conforme a autora, cantava inflamada, incentivada pelos membros do partido nazista, acompanhando o desfile macabro dos “patifes criminosos”. Aproximadamente seis meses depois, o advogado judeu Ludwig Marum, que estava entre os detidos, morreu estrangulado em sua cela por ordem do líder do partido e milhares de pessoas participaram de seu funeral, este que é citado por Nora (KRUG, 2019, sem paginação).

reter registros de modo consciente”.

A incipiente elaboração sobre o genocídio à época do fim da II Guerra e a consequente falta de cicatrização dessas feridas foi justificada como fator fundamental para a reconstrução da Alemanha no pós-Guerra. Para Svampa (2016, p. 4): “Muitas políticas foram baseadas na noção de ‘silêncio saudável’, que permitiram ao poder político incorporar ao governo antigos apoiadores do nazismo”. A estratégia surtiu efeitos pela sua natureza de impunidade e, como já se viu, pela ignorância causada – não somente, mas também – pela ausência de debates públicos que pudessem atribuir um sentido coletivo à tragédia.

Foi durante o fim dos anos de 1970 e início dos anos 1980 que o interesse sobre os temas do nacional-socialismo cresceu, assim como discussões a respeito, partindo principalmente de artistas e intelectuais (SVAMPA, 2016, p. 7). Conforme a autora, a curiosidade das novas gerações influenciou tais discussões e o resultado foi a criação de obras como *Heimat*, já em pleno século XXI.

Compreendemos que Nora Krug, acionando inicialmente a nostalgia por uma *Heimat* perdida, e trabalhando por meio da memória-ação, mobilizou a reconciliação de uma geração com o passado herdado “por tabela” e, ao articular seu relato de pesquisa com a descrição dos documentos coletados e das pessoas com quem conversou, mobilizou a memória-discurso. Como resultado desse trabalho, sua obra mostra a importância de se associar memória e reconciliação, pois as denúncias do presente, convertidas em reconstrução do passado, também são alertas para o futuro (PIPER-SHAFIR et al., 2013).

## Considerações finais

*Heimat* é, como apontamos, uma obra que pode ser lida por diversas chaves. A busca da autora por sua identidade nacional a fez deparar-se com o conflito entre silenciamento e verdade, uma vez que, como ela mesma admitiu no livro, sua família não falava sobre o passado e muito menos sobre as ligações com o regime nazista.

É importante observar que *Heimat* não tem numeração em suas páginas – o que reforça o caráter de álbum de desenhos e colagens da obra, em que fotos, imagens, textos, grafismos são justapostos e alimentam uma narrativa própria, desvinculada, em um primeiro momento, de caráter sequencial. Ao mesmo tempo, é esse agenciamento que possibilita que os sentidos sejam esquadrihados em modo narrativo não linear, aberto a múltiplas direções e entendimentos, como quando imagens e textos se sobrepõem, se complementam e/ou se dispersam, favorecendo uma leitura caleidoscópica, que lembra a de um almanaque. Esse caráter de desenhos, grafismos e quadrinhos nos leva a conceber o livro *Heimat* para além de uma obra literária, e sim um produto de comunicação que, associado ao caráter comunicativo da memória, intrínseca à narrativa de Krug, comunica sobre recalques, ressentimentos, reparação e perdão às novas gerações pós holocausto.

Se pensarmos que *Heimat* é, acima de tudo, um álbum de recortes de memórias, também reconhecemos o quanto a memória, seja ela individual ou coletiva, é formada por múltiplos fragmentos de instantes e capturas, organizados em montagens que a cada momento podem ser reconfiguradas e, assim, se mostrarem sob novas perspectivas.

É nesse processo de coleta e colagem de relatos, objetos, fotos e lembranças que a autora vivencia a nostalgia propositiva, aquela que desponta pela busca da sua *Heimat*, entendida tanto como sua noção de pátria quanto como sua própria identidade, mas também como a história de sua família, que lhe é desconhecida, mas de cujos vestígios suspeita. Enquanto se dedica ao processo de desvelamento de verdades com as quais não gostaria de se deparar, Krug vai recuperando a possibilidade da tessitura de um passado que lhe traz pertencimento e acolhimento. A nostalgia que inicialmente acompanha a autora, portanto, não constitui um lamento pelo que se perdeu ou uma idealização de outros tempos, muito menos um apagamento de práticas simpatizantes do nazismo. Por meio do exercício nostálgico propositivo, ela consegue mobilizar uma memória-ação que a leva a confrontar este passado para perdoar

e se reconciliar com a trajetória de seus familiares, aproximando-se afetiva e emocionalmente de seus antepassados, o que lhe possibilita experimentar um presente reconciliado e uma experiência do perdão com as transgressões do passado, ao mesmo tempo em que se permite imaginar novos futuros.

Essas reconfigurações permeiam o que ressaltamos neste artigo: a produção de Krug se estabelece como uma memória-discurso, configurada pela articulação de sua pesquisa com a descrição do material apresentado e das conversas com seus familiares durante o processo. Ao mesmo tempo, reconhecemos diante de uma memória-ação por meio da qual Nora Krug constituiu sua identidade alemã para conseguir viver no exterior, bem como aliviar certo peso existencial derivado desta condição, buscando perdoar a família e se reconciliar com seu passado a partir da verdade que compôs para si. Quando se dá conta de que só ao investigar o passado, por meio das memórias de sua família, consegue encontrar sua identidade, a autora conclui “que a *HEIMAT* só pode ser reencontrada em nossas memórias, que ela é algo que só começa a existir quando você a perde” (KRUG, 2019, sem paginação). É preciso, portanto, perder o familiar para reencontrá-lo, afastar-se dos laços mais íntimos – estranhá-los, por assim dizer – para com eles arrostar desconfortos existenciais.

Um dos aspectos para os quais chamamos a atenção é a construção das memórias de uma alemã sobre o passado de sua família em um contexto em que o autoritarismo e práticas de ódio e violência no Brasil, na Alemanha e em outros países têm se tornado, mais uma vez, recorrentes. A história de Nora Krug, contada por meio das suas memórias, em um livro de caráter mais comunicativo que, propriamente, literário, é mais uma entre as tantas histórias vividas em tempos de extremismos e violências, guerras e atrocidades. Contudo, não devemos deixar de nos lembrar sempre do sofrimento do povo judeu e de outros igualmente perseguidos, assassinados e marginalizados ao longo desses últimos oitenta anos. É a gestação do passado no ventre do presente em que o livro nasce, como sugere a perspectiva benjaminiana.

A obra surge motivada por certo desejo de reconciliação da escritora com seu passado, que, por sua vez, também é o passado de inúmeros alemães de sua geração. A busca por respostas e compreensão sobre os motivos para o extermínio de milhões de pessoas, porém, permanece. Não pode mesmo se tornar trivial, vulgar, em uma palavra, familiar; permanece potente em sua inexcedível estranheza.

Como, então, lidar com as possibilidades de perdão e reconciliação, na atualidade, diante de novas práticas de violência e recrudescimento da ideologia de caráter nazifascista?

A resposta não é única nem simples. O livro de Nora Krug é apenas um exemplo do esforço das novas gerações para lidar com um passado familiar que, apesar de silenciado, acaba por se revelar. A indústria editorial, por sua vez, percebe nessas narrativas oportunidades de fazer circular versões subjetivas de experiências traumáticas que servem de contraponto a outros produtos midiáticos que veiculam pensamentos negacionistas, revisionistas, autoritários. Compartilhamos com Isabel Piper-Shafir, Fernández-Droguett e Íñiguez-Rueda (2013, p. 20) a percepção de que a memória materializada em produtos como *Heimat*, entre outros, é uma ação social, política e cultural.

Finalmente, ainda segundo os mesmos autores, a força simbólica da memória reside em seu caráter produtor de sujeitos, relações e imaginários sociais, poder que a converte em potencial fonte de resistências, instabilidades e transformações, considerando-se seu caráter comunicativo. Portanto, ainda é preciso exercitar a capacidade de constituir outras verdades, vencendo a resistência à memória de passados violentos e autoritários, a fim de desfamiliarizar versões hegemônicas e transformar a culpa em estranhamento potente para a resistência e a ação.

## Referências

ANSPACH, Carolyn Kiser. Medical Dissertation on Nostalgia by Johannes Hofer, 1688. **Bulletin of the Institute of the History of Medicine – The John Hopkins University Press**, v. 2, n. 6, p. 376-391, 1934.

APPADURAI, Arjun. **Modernity at large**: cultural dimensions of globalization. Minneapolis/London:

University of Minnesota Press, 1996.

BECHARA, Márcia. Convocados por grupos neonazistas, mais de 10 mil protestam em Berlim contra isolamento social. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 2 ago. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3P81BEk>. Acesso em: 7 abr. 2021.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Traduzido por Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BERLINER, David. **Losing Culture**: Nostalgia, Heritage, and Our Accelerated Times. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2020.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. 2. ed. São Paulo: Ateliê, 2004.

DECLARAÇÃO Universal dos Direitos Humanos. **United Nations High Commissioner for Human Rights**. Tradução oficial, 1948. Disponível em: <https://bit.ly/3P9WuTV>. Acesso em: 14 fev. 2023.

DUDEN online. Berlim: Bibliographisches Institut GmbH, Dudenverlag, 2021. Disponível em: <https://www.duden.de/rechtschreibung/Heimat>. Acesso em: 14 fev. 2023.

FREUD, Sigmund. O estranho. *In*: FREUD, Sigmund (Org.). **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1995. p. 233-270.

GASPARELLO, Giovana. Autonomías indígenas en México: construir la paz en contextos violentos. **Quaderns-e**, v. 1, n. 21, p. 81-97, 2016.

GRUJIĆ, Marija. e SCHAUM, Ina. German Postmemory and Ambivalent Home Desires: A Critical Reading of Nora Krug's (2018) Graphic Novel *Heimat: A German Family*

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Acesso em: 14 fev. 2023.

INGOLD, Tim. Temporality of the Landscape. **World Archaeology**, v. 25, n. 2, p. 152-174, out. 1993.

IRMEN, Friedrich. **Dicionário das Línguas Portuguesa e Alemã**. Berlim: Langscheidt, 1988.

KALININA, Ekaterina. What do we talk about when we talk about media and nostalgia? **Medien & Zeit**, v. 31, n. 4, p. 6-15, 2016.

KEIGHTLEY, Emily; PICKERING, Michael. The Modalities of Nostalgia. **Current Sociology**, v. 54, n. 6, p. 919-941, nov. 2006.

KNIGHT, Ben. 2018. "Heimat": novo ministério desperta velhos temores na Alemanha. **DW Política**, Berlim, 13 fev. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/43V8QDu>. Acesso em: 30 mar. 2021.

KRUG, Nora. **Heimat**: ponderações de uma alemã sobre sua terra e história. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2019.

LANDWEHR, Achim. Nostalgia and the turbulence of times. **History and Theory**, v. 57, n. 2, p. 251-268, jun. 2018.

NIEMEYER, Katharina. Introduction. *In*: NIEMEYER, Katharina (Ed.). **Media and Nostalgia**: Yearning for the Past, Present and Future. London: Palgrave Macmillan. 2014. p. 1-23.

OSÓRIO, Ticiano. "Absolvição não pode ser solicitada, só pode ser dada", diz Nora Krug, alemã que investigou o nazismo em sua família. Entrevista a Ticiano Osório. **Gaúcha Zero Hora**, Livros, Porto Alegre, 2 dez. 2019. Disponível em: <http://bit.ly/30LPPVq>. Acesso em: 6 fev. 2021.

PIPER-SHAFIR, Isabel et al. Psicología Social de la Memoria: Espacios y Políticas del Recuerdo. **Psykhé**, v. 22, n. 2, p. 19-31, 2013.

POLETTE, Marcus. Paisagem: uma reflexão sobre um amplo conceito. **Turismo - Visão e Ação**, v. 2, n. 3, p. 83-94, 1999.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, jul./dez. 1992.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SANTA-CRUZ, Lucia. Swallowed by the Singing Stone. A Netnography in a Facebook Nostalgia Group. **MerzWissenschaft**, s. v., n. 6, p. 18-28, 2020.

SECRETÁRIO nacional da Cultura, Roberto Alvim faz discurso sobre artes semelhante ao de ministro da Propaganda de Hitler. **G1 Política**, Rio de Janeiro, 17 jan. 2020. Disponível em: <https://glo.bo/3woJ7DF>. Acesso em: 4 abr. 2021.

SEDIKIDES, Constantine et al. To Nostalgize: Mixing Memory with Affect and Desire. **Advances in Experimental Social Psychology**, v. 51, s. n., p. 189-273, 2015.

SVAMPA, M. Lucila. Usos públicos de passados ditatoriais: Visualizações na Alemanha. **História**, v. 35, e. 96, p. 1-18, 2016.

---

Barbara Heller é doutora em Teoria Literária (Unicamp). Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP). Líder do Grupo de Pesquisa Narrativas da Memória: Representações, Identidades e Culturas. Integrante da Rede de Pesquisa Rememora. Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; desenvolvimento da discussão teórica; interpretação dos dados; apoio na revisão de texto; redação do manuscrito e revisão da versão em língua estrangeira, além do estudo dos conceitos memória, perdão, testemunho (autores Ricoeur, Pollak, Íñiguez-Rueda).

---

Lucia Santa-Cruz é doutora em Comunicação e Cultura (UFRJ). Docente do Mestrado Profissional em Economia Criativa, Estratégia e Inovação da ESPM-Rio. Integrante do Grupo de Pesquisa Lembrar (Laboratório de Estudos de Memória Brasileira e Representação), da Rede de Pesquisa Rememora e da The International Media and Nostalgia Network (IMNN). Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; desenvolvimento da discussão teórica; interpretação dos dados; apoio na revisão de texto; redação do manuscrito e revisão da versão em língua estrangeira, além do estudo dos conceitos nostalgia e memória (autores Keithley, Pickering, Kalinina).

---

Priscila Ferreira Perazzo é doutora em História Social (USP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). Líder do Grupo de Pesquisa Memória do ABC: Comunicação e Educação, Cultura e Memória. Integrante da Rede de Pesquisa Rememora. Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; desenvolvimento da discussão teórica; interpretação dos dados; apoio na revisão de texto; redação do manuscrito e revisão da versão em língua estrangeira, além do estudo sobre Nazismo; Estudo dos conceitos memória e perdão (autores Ricoeur, Pollak, Íñiguez-Rueda).

---

Rosana Henrique Faber é mestre em Comunicação (USCS). Jornalista, locutora e podcaster. Membro do Grupo de Pesquisa Memórias do ABC: Comunicação e Educação, Cultura e Memória. Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; desenvolvimento da discussão teórica; interpretação dos dados; apoio na revisão de texto; redação do manuscrito e revisão da versão em língua estrangeira, além do estudo sobre Nazism.

---

Teresa Cristina Neves é doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora e pós-doutora pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Professora da Faculdade de Comunicação da UFJF. Integrante da Rede de Pesquisa Rememora. Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; desenvolvimento da discussão teórica; interpretação dos dados; apoio na revisão de texto; redação do manuscrito e revisão da versão em língua estrangeira, além do estudo da filosofia e da



psicanálise (Heidegger e Freud).